

LIVRO
DAS
MANHÃS

Paulo Roberto do Carmo



PAULO ROBERTO DO CARMO

LIVRO DAS MANHÃS

PARLENDIA

1997

© 1997 by Paulo Roberto do Carmo

Lay-out e arte-final da capa: *Tânia Porcher* sobre óleo de Jan Bruegel

Composição e Diagramação: *Maria Clara Lucena Adams e*

Paulo Roberto Schmitt do Carmo

Revisão: *Paulo Roberto do Carmo*

C2871 Carmo, Paulo Roberto do. 1941 -
Livro dos manhãs / Paulo Roberto
do Carmo. Porto Alegre, Parlanda,
1997.
91p.

ISBN 85-86450-01-4

1. Literatura brasileira: Poesia.
2. Literatura sul-riograndense:
Poesia. I Título.

CDU 869.0(81)-1
869.0(816.5)-1

Parlanda
Livraria Parlanda
Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Riachuelo, 1236.
Fone/Fax (051) 226-7703
Cep 90. 010.273
Porto Alegre - RS - Brasil
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

Apresentação: Luiz Coronel_____	7
Primeiro dia: Canto da Alegria_____	13
Segundo dia: Canto dos Brios_____	16
Terceiro dia: Canto das Provações_____	20
Quarto dia: Canto quase Vicejante_____	24
Quinto dia: Canto dos Acoradouros_____	27
Sexto dia: Canto das Purificações_____	31
Sétimo dia: Canto dos Figos_____	34
Oitavo dia: Canto das Ânforas_____	38
Nono dia: Canto das Ceias_____	42
Décimo dia: Canto da Física Amorosa dos Círculos_____	46
Décimo-primeiro dia: Canto das Reconciliações_____	50
Décimo-segundo dia: Canto das Enxadas_____	54
Décimo-terceiro dia: Canto dos Moinhos Ascendentes_____	57
Décimo-quarto dia: Canto das Aprendizagens_____	61
Décimoquinto dia: Canto dos Acasos_____	65
Décimo-sexto dia: Canto da Serenidade_____	69
Décimo-sétimo dia: Canto dos Lodos_____	73
Décimo-oitavo dia: Canto das Parições_____	77
Décimo-nono dia: Canto dos Invernos Idos_____	80
Vigésimo dia: Canto das Indigências e Ufanias_____	84
Vigésimo-primeiro dia: Canto da Casa Reencontrada_____	88
Vigésimo-segundo dia: Canto dos Abraços_____	92

PAULO ROBERTO DO CARMO

LIVRO DAS MANHÃS

Um poema é indivisível.

Um livro, intransferível.

mas em certas circunstâncias podemos dizer: este livro, somente este poeta, poderia conceber e realizar.

E isto numa visão mais ampla que o mero caráter literário.

Estamos então no terreno da dimensão humana.

Só um homem solidário, de grandeza interior, alheio a redemoinhos do que é fútil, poderia construir o “Livro das Manhãs”.

Trata-se de uma oração.

Sim, como todo grande poema. Mas o que existe aqui é um sopro de vida.

Eis Paulo Roberto do Carmo, irmão dos padecentes, espargindo o bálsamo milagroso da poesia sobre as dores do mundo.

“Lutando saberás que não há derrota possível”.

Essa é uma canção de despertar para a vida, pois “quem aprende a suportar, já pode amanhecer”.

Mas não é este o cântico da aceitação da morte. É sim, sua recusa.

“É preciso revolver as brasas, atiçá-las, senão de cinzas se cobrirá o coração”.

Este é também o livro do tempo. “Criar é medir forças com o destino”.

Eis os andamentos dessa sinfonia da espiritualidade, “para que serve o corpo, senão arder, fertilizar o outro, almar-se?”
Eis o batismo de todo homem: “para se tornar o que sonha, terá de andar sobre as brasas”.
E assim qual um profeta, o poeta incandescente atravessa os desertos humanos, pregando sua fé desvairada.
Sua orquestração confidente quer ver tubas e trombones e celos em função.
Sua regência é magistral, quando desce aos acordes mais íntimos da resignação, “a casa que buscas é a mesma que abandonas”.
Mas, em seguida, “é do fervor que a graça se revela”.
Este é o recital da salvação. “A ganância é a morte da alma”.
Este é um livro que somente Paulo Roberto do Carmo poderia escrever, porque nele a generosidade é a sua verdade essencial.
Médico das almas, não leva receitas prontas, nem cirurgias mutilantes, leva a lição de grandeza que a vida contém, quando não soterrada pelos desencontros.
A vida é santa apesar de todas as quedas. E Paulo Roberto do Carmo é seu Pastor.

Luiz Coronel

Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá; pois que, quanto mais ela cresce, mais cresce a vontade, e haverá tanto mais eu quanto maior for a vontade. Num homem sem vontade, o eu é inexistente; mas quanto maior for a vontade, maior será nele a consciência de si próprio.

Sören Kierkegaard.

Para Rejane Born Spessot

canto da alegria

- 1 Na manhã do primeiro dia
da brotação de tuas penas,
antes que o sangue desonre
a hora que te acolhe e consola
irás onde o amor,
irás onde a palavra.
- 7 Antes que o sangue
antes que a hora, o vento
e sua plenitude, irás,
nas primícias do cio, em cada levante,
mudar as peles da alma:
de ti nasce um rio, o sal do desafio.

- 13 Na tarde do primeiro dia
da brotação de tuas penas,
no pranto que tudo lava,
vestida de alva, vestida de rendas
irás banhar-te, irás purgar a chaga
que sobe insidiosa pela tua carne.
- 19 Com leite e mel e azeite lavarás
do corpo os excessos coagulados,
do sonho os sulcos não semeados,
e dos arados há de rebrilhar nua a espada,
erguer-se alegre nas justas. Com alma irás
quanto mais. Com teu anjo irás tanto mais.

- 25 Na noite do primeiro dia
da brotação de tuas penas
irás queimar-te, recriada fagulha,
e do grande fogo que no sonho abrasas
lutarás o tempo todo para dentro de ti.
Lutando saberás que não há derrota possível,
- 31 nem temerás a coragem que espera em ti, e grita
e alumia sobre o que há de ser, o gozo
depois da grande dor, a alegria em rebentos de sol,
pois tudo passa, e dentro de tudo a alma em flor
é tua casa, está em ti, e canta num só cálice a vida.
Nada deixes calar, nem o anjo e seu fervor, nem a palavra.

canto dos brios

- 37 Na manhã do segundo dia
da brotação de tuas penas
apartarás das pequenas coisas de perder
as grandes coisas vivas que se agitam
com unhas e uivos sem culpa no brios
e saltam de ti em chamas como leas no cio.
- 43 Com as palavras colhidas pelos sentidos,
e abertas em flor, afagarás a dor tanta,
essa cadela mansa que se adula com um sorriso,
e das coisas de viver a dor será tua companheira
doce e servil como a irmã nuvem obedece ao vento.
Só é preciso mudar os hábitos, chamar o alento, orvalhar-se
/na alegria.

49 Na tarde do segundo dia
da brotação de tuas penas
saberás que não se aprende na fantasia,
sonhando, imaginando ou estudando,
senão vendo, tratando e pelejando.
E não sabendo que seria impossível, foste lá e cumpriste.

55 Sofrer mais do que se pode suportar
é aprender a humilhar a dor, dar-lhe ganas
de transida esperança, dar-lhe chagas, pastorear
essa dor pelos charcos floridos da solidão comum
até solver-se a carne na carne, clarear-se o escuro
na luz, e exausta a dor, libertar-se no espírito.

61 Na noite do segundo dia
da brotação de tuas penas
irás mudar e deixar mudar:
o que pode uma criatura, senão mudar?
Irás mudar do excesso das células o excesso
e da carência dos anticorpos criarás as defesas.

67 Não conhecerás o futuro porque és livre
e o porvir se tece por vontade de tuas mãos –
no fazer – e se a felicidade teima em esconder-se
é com o suor da alma que a desencavamos
na fuligem das horas, e enquanto o deus
agoniza, dos visgos de seu umbigo renascemos.

canto das provações

73 Na manhã do terceiro dia

da brotação de tuas penas

não avançarás a hora do destino sem antes

ouvir o que pode ser revelado noutras palavras,

e provar o tudo que há no pouco, mais revoante,

a suster o tempo no osso do vento, no arfar das asas.

79 A medir a solidão suportarás, nas brasas, as setas

desferidas contra ti, como quem espera a alegria futura

de beber o suor da verdade no côncavo das mãos.

Aprenderás que a paciência dos que suportam é semente

da árvore da provação: amadurece no padecer e cresce

porque ouve a voz de quem nos chama no rumor das alturas.

- 85 Na tarde do terceiro dia
da brotação de tuas penas
mesmo que te deixes calar
para o mundo no extravio do tempo,
ainda que feches portas e janelas
e te escondas nos porões do sonho,
- 91 nos sótãos da alma, não poderás adiar
a dor que geme de outra dor,
a fome que germina de outra fome,
o fogo que brota de outro fogo.
E quem pode dizer em que grau arde,
arde bem pouco no óleo das horas.

97 Na noite do terceiro dia
da brotação de tuas penas
o que esperar sem o desejo
ou possuir sem a palavra,
a culpa a tilintar nos cristais,
o sangue derramado que se bebe aos goles?

103 Dos rios, amotinados de suas margens
aprisionantes, libertarás a paixão. Das águas
prometidas cavarás os atalhos, lavrarás
o desafio, a transgressão. E não há razão
ou lei que cale o sangue. E o revide,
nos foles do coração, espera nos desvãos.

canto quase vicejante

109 Na manhã do quarto dia

da brotação de tuas penas

aonde fores, ali te seguirá como um cão fiel,

por dias sem fim, a alma que não se acaba,

o insaciado desejo que se traz no sangue, a latejar

antes do levante, e erguido dos sonhos, comover-te.

115 E como vida libertarás a libélula

que se envisgou no mel, enxugando-a

ao sol com pétalas de rosa, até o vôo vicejar.

E como águas alegres que não se pode guardar

tuas lágrimas pousarão de alma em alma

orvalhos da árvore do orgulho represados na esperança.

121 Na tarde do quarto dia

da brotação de tuas penas

darás conta só a ti mesma na comédia

das horas. Há muitos fazeres na casa

da alma. Não te afastes dos seres

domésticos. Teus inquilinos precisam de ti.

127 Não te escravizarás às pequenas coisas.

Buscarás conhecer-te para não teres trabalho,

o arder em vão, o fardo das horas rastejadas

sem o fogo que tudo renova. Partilharás com todos

do mundo lá fora se cavares até o fundo

a aldeia que se esconde nas sementes das raízes.

- 133 Na noite do quarto dia
da brotação de tuas penas
ouve no silencio e aprenderás
a pertencer-te no tempo. Ousa e saberás
que o momento pode durar um instante,
o instante uma vida inteira, e alegre
- 139 irás pisando os limites, como em flores
selvagens, onde os sonhos resistem, e vão
além do visível. Depois irás conhecer o sol
de outra dor que nunca se deita nem concede.
Assim escreverás a história de tua vida:
porque aprendeste a suportar, já podes amanhecer.

canto dos ancoradouros

145 Na manhã do quinto dia

da brotação de tuas penas,

eis tua lição primeira: o infinito

que se conquista grão a grão será

teu alimento cotidiano, e com paixão

deixarás rastros, a migalha de amoras

151 recendendo dos sulcos as palavras que virão

depois, os restos dos que nos precederam, a memória

como archotes na solidão. Para isso é que estás

no mundo: para ouvir e para ousar, e alegre irás

de ti a outro ser, e mais outro, nesse vaivém

sem saber quando nem onde, os acasos como pássaros

/ao vento.

157 Na tarde do quinto dia

da brotação de tuas penas

saberás que é preciso revolver as brasas,

atiçá-las, senão de cinzas se cobrirá a alma.

Saberás que é preciso fermentar nos sentidos

e beber o vinho tinto do fervor, senão de nada

/servirá a chama.

163 Voando pensarás que um sonho mais ousado

poderia um dia se cumprir, mas os sonhos não se cumprem.

Pairam como nuvens sobre o desejo das criaturas,

não se deixam colher, nem apalpar as volúpias.

E perseverando de alma acesa irás, a tatear no escuro

até que o sonho se torne visível, carne e osso nos

/futuros do sangue.

169 Na noite do quinto dia

da brotação de tuas penas

a duelar com máquinas replicantes nos labirintos,

e na astúcia, irás à caça de teus amanhã:

é com sementes que eles virão, alvissareiros,

grão a grão, atraídos pela luz, servis, os amanhã.

175 Com as asas de chumbo entre o sangue e o futuro
não levantarás do chão, não romperás com a força
dos músculos o quase destino, nem abrirás os olhos
/da memória.

Saberás, desafiante: é pela palavra que se reencontra
o irmão, antecipando o vôo no lanho dos ventos.

E se perderes das raízes o ancoradouro, perderás

/o destino.

canto das purificações

181 Na manhã do sexto dia

das brotações de tuas penas

disporás da palavra como os pássaros dispõem do ar,

os peixes da água. Aprenderás a mover-te desde

o chão, para cima, mais perto de ti, a romper

os laços ordenados, a conciliar os contrários.

187 O alimento em chamas há de nutrir-se das brasas

para ainda prosseguires, e sempre, a queimar os limites

mais além e dentro de ti. Se não aprendemos a despertar,

e tudo extraviamos no sonho, de que serve o ânimo

dessa paixão a perder-se no frio de muitas mãos,

bocas e peitos não partilhados nos cômodos da alma?

- 193 Na tarde do sexto dia
da brotação de tuas penas
aguardarás a hora da erupção –
e pelos caminhos naturais do fogo
conhecerás a palavra iniciática, a senha,
os rituais de purificação, o levante das lavas.
- 199 Assim é que tua voz, temperada no fogo
e na água, cordas e hastes estremecidas
do violino no sol da esperança, aprenderá,
suportando, que felicidade e dor
se acasalam nos mesmos desvãos da alma
e cantam como irmãs reencontradas – e ousam.

205 Na noite do sexto dia

da brotação de tuas penas

lançando âncoras junto ao cais do meio,

enquanto esperas os altos ventos chicotearem

as vergas do mastro e as velas se enfunarem

para a grande ventura, provisionarás cestos

211 de víveres e júbilos: à esquerda, homens

de espírito se armarão de horizontes, utopias,

esperanças; à direita, homens de instinto

estenderão redes de logro, correntes, iscas de ouro

sobre outros homens. Içando âncoras, partirás,

à direita pelo instinto, à esquerda pelo espírito.

cantos dos figos

217 Na manhã do sétimo dia
da brotação de tua penas
estenderás o arco até romper-se a corda, e a seta
disparada ferir desta vida o sonho que nasce
de outro sonho e acorda, de carne e osso, na hora
primeira de outra vida aqui na terra, a alma alvorecida
/com os olhos por dentro.

223 Do fogo irrompido, é a grande indignação
que se levanta e resiste em ti, esse inquietar-se
ao começar o dia, a vida que se fabrica, a vida
que aprende dos logros de ontem, se reinventa,
e dos estrumes a fermentar ao sol, a rosa íntima.
É de palavras indignadas que se fertiliza a terra.

229 Na tarde do sétimo dia

da brotação de tuas penas

de tudo duvidarás com a alegria desafiante

de quem nada exclui, pois é na terra fértil

das dúvidas que germina a dúvida primeira

das últimas verdades, é que só podes agarrar

/depois que passam.

235 Dos dias juntarás os fragmentos da dúvida,

a vida que se colhe de seu útero prenhe de paixões e risos,

restos e fetos da Esperança que tudo posterga

e espera no meio do caminho, genitálias ao sol,

a oferecer-nos, com a foice em riste, o amanhã,

os figos do paraíso, os búzios, entre círios e guizos.

241 Na noite do sétimo dia
da brotação de tuas penas
ouvirás dos teares da carne a cadência dos sopros
acuando, urdindo, os sentidos manhosos
com pavios ainda fumegantes, e das máquinas
desejantes do corpo anima-se o espírito para o baile
/de máscaras.

247 Criar é percutir tambores na madrugada
até acordar do sonho os espíritos famintos da alma.
Criar é medir forças com o Destino, encarniçar
a vontade na crueza. O tempo tem pressa. O tempo
não tarda. O tempo não antecipa. O tempo não espera.
O tempo atrai o tempo que atrai a morte pelo fogo.

canto das ânforas

253 Na manhã do oitavo dia

da brotação de tuas penas

desejarás não os bens que faltam, mas a alma

que espera em ti, e ainda não se revelou, a finar-se

inteira no abandono por tanto amor não convocado.

Para que seve o corpo, senão arder, fertilizar o outro,

/almar-se?

259 Natimortas para a eternidade, rejeitarás das coisas

a vaidade que se perde antes mesmo de sua finitude.

E ganhar ou perder é sempre vender-se no mercado

dos homens. Saberás colher dos frutos duráveis o sabor

que se impregna na felicidade, ali, onde não existe

tempo, e se multiplica de boca em boca de ti para o outro

/em novos sabores.

265 Na tarde do oitavo dia

da brotação de tuas penas

para não perderes os herdados rastilhos não almejarás

mais do que podes sentir, e o bem que se faz a si próprio

é o mesmo bem que se faz a outro, assim como se verga

a árvore nos abraços para o gozo comum dos frutos.

271 Que ser estranho é este que nos murmura ao ouvido

a dizer que tudo é possível com um pouco de vontade,

e que nos move no sonho, na vigília, até mesmo na morte

para uma sorte qualquer? O mundo todo planta raízes

na geografia da casa, e dentro dela a vontade é o degrau

primeiro da escada que leva à soleira do ser mais alto.

277 Na noite do oitavo dia
da brotação de tua penas
perceberás que carregas o germe de muitas vidas
passadas e futuras, a argila bruta que se espera
do gênio de tuas mãos amassar-se até gemer o humano
e do sopro, pelo verbo, pelos sentidos animar das ânforas
/o agora, sob os pés do acaso.

283 Fabricarás na oficina dos pressentimentos a matéria
de ti mesma, a animarás com o espírito de outro destino
a pedir pousada: as alegrias tamanhas, a dor por testemunha.
E quando pela treva espessa dobrarem os sinos da manhã
ressurgirás, bebendo no sol, sobre os escombros de ontem.
Assim, dentro de outro, mais perto de ti, sairás de casa.

canto das ceias

289 Na manhã do nono dia

da brotação de tuas penas

quando a palavra vier morar no coração dos homens

os rios embravecidos transbordarão de suas margens,

a sua ira lavará o sangue dos humilhados

e com estrondo as palavras levantarão de seus leitos

/os sonhos.

295 Quando a palavra vier morar no coração dos homens

o enganoso não logrará ao enganoso nas perfídias,

o que se envaidece ao vaidoso, o cego ao cego,

o doente ao doente, e mesmo no sangue nos lavaremos,

porque nenhum homem há de se tornar o que sonha

sem andar sobre brasas, queimar os pés, suportando.

301 Na tarde do nono dia
da brotação de tuas penas
aprenderás, farejando os demônios de seu silêncio,
que **os homens se distinguem pelo que aparentam
e se assemelham pelo que escondem. Os abismos
são muito parecidos, as vegetações que os cobrem,
/diferentes.**

307 Perceberás que na solidão gravitam outras solidões,
e quando comem do mesmo pão, bebem do mesmo vinho
na grande ceia dos abraços, e se tornam companheiras
nas oferendas, a vida renascerá disso que chamam mundo.
E se cada solidão der um passo além de seu quintal,
pisando sobre a lama dos abandonos, outros serão os fardos,
/as sinas.

313 Na noite do nono dia

da brotação de tuas penas

não alimentarás esse desejo circular e cego, que tudo

suga nas ventosas, mais do que albergam as poucas

necessidades. O desejo é fera a devorar a alegria das coisas;

nasce velho e se rejuvenesce. E quanto mais desejamos,

/mais se distancia o desejado.

319 Criarás os desejos na coleira, animais domésticos
nos quintais da alma; desobedientes, serão punidos com
máscaras de flandres. Alimentados, virão lambar
de tuas mãos o afago – e procriarão, rebentos de novos
/desejos.

E cada manhã irás ao redil, escolherás o de finas
carnes, cheio de espírito, e o sacrificarás para o jantar
/à mesa da felicidade.

canto da física amorosa dos círculos

325 na manhã do décimo dia
da brotação de tuas penas
se não ousares além da palavra, e do fogo
que abrasa a vontade, ninguém chamará por ti,
nem os que padecem da mesma solidão, da mesma dor
virão te acudir, e se há um destino a cumprir-se,
/não poderás calar.

331 Aprenderás que **há no amor um poder para adivinhar**
o destino de um outro melhor do que esse mesmo outro
o pode fazer e, por heróicas instigações, sustentá-lo
na sua tarefa. Assim é a palavra que nos aproxima
de Deus, e com ele poderemos conversar erguendo a voz
de todos os homens. Acordando do teu sono, levantarás,
/para andar.

337 Na tarde do décimo dia

da brotação de tuas penas

não te deixarás retalhar no comércio das almas

negociando de ti o que já te pertence, a chama

que não se apaga, os sonhos que excedem

do que se pode criar por tantas mãos partilhadas.

343 Provarás com outros pesos, outras medidas

que a **vida** é outra e se exalta de feroz liberdade

e mais se alimenta e perdura quanto mais humano o excesso.

Refazendo o pranto os caminhos da graça de querer

gravitarás na física amorosa dos círculos, e desse tanto

andar, ali, onde as mãos se entrelaçam exultará a **vida**,

/de roupa lavada.

349 Na noite do décimo dia
da brotação de tuas penas
precisarás recomeçar rente ao chão, e subir,
juntar de ti os pedaços, os ossos recompostos, e mais subir,
deixar a alma voar, clandestina, livre de expiação –
pelos anjos em júbilo sustentada, até que amanheça o dia.

355 Se te obrigaram a nascer de cabeça para baixo,
indefesa do sonho à dor como pássaro de sobrevivente
agonia que tu és, entre sangue e esperma, suor
e fezes, não começarás a tecer sudários sem antes
criar por tuas mãos qualquer coisa de consolável
felicidade para os outros, os que hão de subir contigo.

canto das reconciliações

361 Na manhã do décimo primeiro dia

da brotação de tuas penas

largando as peles de tantas vidas não consumadas

no destino que passa veloz sem parar nas estações

perguntarás de que servem tantas horas, os dias,

tantos anos, senão quebrar os cântaros lacrados

367 do sonho, e dos estilhaços organizar o tempo,

as vidências do sangue contra a dor, libertar

um deus qualquer cansado de sua infinitude

que de repente abrisse os olhos, o tempo todo

em armas e rosas na palavra e despregar-se

da cruz, descendo entre os homens para acordá-los.

373 Na tarde do décimo-primeiro dia

da brotação de tuas penas

não refrearás os sentidos, as complacências;

irás buscar novos alentos – e se nada pode haver

de novo sobre a terra, cavarás dentro de ti

outras reservas, outros ventos, outros levantes.

379 Reconciliarás agora o antes com o depois

se aprenderes a desprezar o tempo, e seus rancores.

É dessas águas que fermenta o pão vivo da palavra

que nada diz, e tudo cria em seu íntimo florescer,

mesmo se é dor ou espera, ou ainda perder-se no escuro

sem nem haver partido: é dessa fonte que nos banhamos

/no limiar de tudo.

385 Na noite do décimo-primeiro dia
da brotação de tuas penas
poderás libertar os seres e as coisas de suas banalidades
se dessangrá-los com a lâmina da memória, e do que
/escondem
os consagrar agarrando pelas crinas a ocasião que passa
a galope, sangue e clarim numa dança a céu aberto.

391 Nada no mundo está determinado. De tudo sofrer,
é que te alegrarás; de tudo esperar, é que acharás;
de tudo suportar, é que libertarás das manhãs
que se levantam de ti, o fervor mais alto, o que há
de resgatar a perda – e com ela, nova paixão. E se Deus
permanece escondido, é porque arrebatou dos homens

/a palavra, os revides.

canto das enxadas

397 Na manhã do décimo-segundo dia

da brotação de tuas penas

amarás a alegria dos bichos e das crianças

e dos saltimbancos como **Stendhal amava**

tanto a naturalidade, a força das coisas

simples que parava na rua de simples prazer

403 **para admirar um cão a roer um osso.**

Conhecerás os primeiros albores da manhã

pela procissão de enxadas no ombro dos camponeses,

a vida estrugindo mais ardente no sangue,

e sentirás toda a liberdade, os vestígios da alegria

a estremunhar em danças pastorais sob o altar farto

/das oferendas.

409 Na tarde do décimo-segundo dia
da brotação de tuas penas
a alegria, de orvalho em orvalho, de lágrima
em lágrima, inundará os caminhos largos
que se abrirão à esperança navegante, e por estas
brisas a alegria há de vestir-se com as velas mais
/radiantes,.

415 a alegria que há de rasgar confiante o futuro,
lavar-se nos acres da alma, e das agruras semear
os sulcos como se da terra os rebentos da alegria
ainda perdurassem além das chuvas, das calamidades.
Descobrimo os caminhos, deixarás rastros por detrás
dos sonhos: deles brotarão como de crisálidas as larvas.

421 Na noite do décimo-segundo dia
da brotação de tuas penas
**de quem estamos próximos? Da morte, ou
daquilo que ainda não é? O que seria da argila
ao pé da argila, se o deus sentindo não moldasse
a figura que entre nós cresce? Compreende bem:**

isto é o meu corpo que deseja despertar.
**Ajuda-o devagar a levantar-se da sepultura
ardente para aquele céu que em ti possuiu:
que ainda mais ousada saia dele a sobrevida.**
No exercício dos sussurros aprenderás a cantar
e ser ouvida. Os tambores percutirão de aldeia

/em aldeia.

canto dos moinhos ascendentes

- 433 Na manhã do décimo-terceiro dia
da brotação de tuas penas
os ecos não se perderão no deserto. Pela boca
das pedras, e por ti, como de um êxtase
em círculos ascendentes, responderá o deus
escondido, e os ventres sobressaltados hão de parir
- 439 espíritos alegres que não se curvarão à dor,
crescendo mais ousados no cio dessas manhãs.
À noite, se emprenharão de outros anjos cada vez
mais revidantes. Assim, organizados, tomarão
de assalto o futuro de enganos prometidos.
Saberás que toda passagem é dor feita de júbilo.

445 Na tarde do décimo-terceiro dia
da brotação de tuas penas
aprenderás a escrever nas tábuas do coração
palavras insurgentes, com elas baterás em cada porta
da aldeia, e passarás esse fogo adiante: casas, palácios,
igrejas, presídios, os inquilinos se iluminarão de outra dor,
/outra esperança.

451 Para te sentires viva, não amarás nem odiarás
moderadamente, e se todos perderem o sonho,
as vértebras se dobraram, as carnes apodreceram,
a palavra se calou, não perguntarás do porquê.
À noite, depositando cal sobre os mortos, amanhecerás
readmitida, predestinada, e à hora marcada chegarás.

457 Na noite do décimo-terceiro dia
da brotação de tuas penas
precisarás romper a flor dos ventres: agarrando
as crinas do sol cavalgarás a alma de tuas carnes.
A fermentar os licores do sonho, vazará pelos poros
o sangue morto, a vida que já não se manifesta.

463 Saberás que em ti a semente não é a flor,
mas razão da flor, a mesma razão que alimenta
os pássaros no fervor das manhãs; que o homem
não é dor, mas passagem dessa dor precária
que o arrasta de roldão, dos limiares para
/a felicidade.

Saberás que em ti a flor é razão do fruto.

canto das aprendizagens

469 Na manhã do décimo-quarto dia
da brotação de tuas penas
perceberás **que tua alma é o metal do sino**
e Deus o põe sempre em incandescência, prepara
a hora potente da fusão: mas tu ainda teimas
em conservar os antigos hábitos, o ser precedente
/do sino,

475 **a forma obstinada que concluiu a sua tarefa**
e se endureceu, não aceitas que a transformem –
e assim a fusão não se realiza. Compreender
um pouco de tantas coisas e não chegar a sair delas,
não ousar o salto? E isto, após anos e anos.
Não saltar do cotidiano até a eternidade que aqui na terra
/nos sobrevive!

481 Na tarde do décimo-quarto dia
da brotação de tuas penas
tua alma celebrará núpcias com os anjos **sim** e **não**
que puderes capturar nos reinos herdados da natureza.
Deixando-te arrastar pelo sangue, em torrentes, até o coração,
cumprirás os desígnios que só a ti pertencem no curso dos
/dias,

487 e não te fatigarás se avançares antes das esperas,
rumo a uma cruzada qualquer, um destino postado
que não se cansa de responder até onde podem chegar
os ecos de tua voz. Ali, nos abismos, onde a vida
se manifesta eis a obra que te cabe cumprir de sol
a sol, com suor, enquanto preparas a mesa, o vinho
/das reconciliações.

493 Na noite do décimo-quarto dia
da brotação de tuas penas,
sob a lei iníqua dos Códigos, não farás o que deves
fazer, nem o que é preciso, mas o que podes ousar
suportando na transgressão. E atijando-os altivos
para o mundo soprarás pela boca dos alienados as fagulhas,
/os rastilhos.

499 Nas forjas da criação, chicoteando o fogo precisarás
endurecer-te, senão pelo tempo, nas esperas, serás engolida.
Para que o fervor à tua esquerda não definhe no frio
e os dias não se corrompam em cinzas, irás martelar
no ferro ainda quente as **conspirações** primeiro – depois,
pela fome e pelo povo forjarás o pão, a espada, as provisões
/futuras. Então, cantarás.

canto dos acasos

505 Na manhã do décimo-quinto dia
da brotação de tuas penas
excluirás das cotidianas esperas os deveres fúteis,
os que amortiçam as diferenças, tudo encobrem,
os deveres pousados sobre o sonho como aves de rapina
devorando-lhes as entranhas para que Eros não se exalte
/e dance nas madrugadas.

511 Onde há sonhos, há poesia; mas o sonho maior é amanhecer,
e amanhecendo andar com as palavras pelos vales, pelos
/montes,
pelas aldeias, com o povo a levantar-se de alma nua, o espírito
descalço, revidante nas irreverências, que o homem sobrevive
consumadas as revoluções antes que o sonho entardeça.
Onde há sonhos, há poesia; mas o sonho maior é amanhecer.

517 Na tarde do décimo-quinto dia

da brotação de tuas penas

não constrangerás o desejo como um rio mais se afunila,

oprimido por suas margens. Do alto das crateras, de ti

as lavas virão descer, semoventes, sobre as águas –

e nada restará desse abraço entre razão e desejo

523 senão o olho complacente de uma nuvem

eterna que não podes apalpar. Coxa e cega, conhecerás

a ti mesma se libertares os teus encarcerados.

Ao subires a montanha avistarás os futuros

prometidos, e no abandono dos casulos os primeiros

vôos vicejarão. Aonde te chama o fervor, ouves

/a mulher, e cumpres.

529 Na noite do décimo-quinto dia
da brotação de tuas penas
como todo o ser que respira e partilha o ar das
/conspirações,
só à vida serás fiel, noite e dia, e nada apunhala
tanto o seu orgulho que ser traída por nossos amores
fugazes com a morte nas alcovas, entre as pregas
/da mortalha.

535 À morte serás infiel: a usurpadora que desabita o sonho
no tempo e no espaço, amputa-lhe os pés, a indesejada
por detrás dos acasos. Contra ela cometerás todos
os adultérios, as inconfidências, as sedições, os ritos
do levante. Sem a agonia que não se humilha, diante dela
não te resignarás, de joelhos, nas câmaras ardentes.

canto da serenidade

541 Na manhã do décimo-sexto dia

da brotação de tuas penas

moldarás a angústia em dúvidas, a dúvida

em crise a fermentar-se do êxtase e, na serenidade

de tuas mãos, ali onde sombra e luz se tocam,

acasaladas nas vibrações de outra voz, começarás

/a mudar o destino.

547 O dom primordial é o quinhão de vida

que se pode partilhar no comércio das almas;

a palavra, a senha que todos reúne na arena

das mesmas conjuras, e quando os feitos se erguerem

altivos de mãos atarefadas, as palavras perderão

a força, não mais apartando o homem de sua humanidade.

553 Na tarde do décimo-sexto dia

da brotação de tuas penas

para que não apodreças, calada, e exales,

a encher a boca de sal, galgarás os degraus

dos sentidos. Dos cheiros da terra, perfumarás

de lavanda os poros nas lunações, de ouro a pele

559 ensolarada. Brincando nos cachos, lambuzarás

a boca de amoras. De tanto estudar o vôo dos pássaros,

dos sonhos brotarão asas. De ouvir as águas, os ventos

erodindo a pedra, cultivarás com o ócio da serenidade

o dom das metamorfoses. Com os dínamos do coração

iluminarás pelas artérias o sangue corrente nos bulbos

/da alegria.

565 Na noite do décimo-sexto dia

da brotação de tuas penas

não temeras as desavenças – é com elas que a alma

se fortalece, o espírito aprende a desobedecer,

e o corpo começa a cantar dentro dele. Com as desavenças

o amor de repente é todo persuasão e força a dançar

/por todos nós.

571 Dos haveres da casa só cuidarás do fervor,
do cotidiano ainda lúbrico de alegria cuidarás
de esquecer os direitos e deveres; servirás o pão
e o vinho sobre o alvo linho das propiciações.
Não permitirás que o sonho adormeça sem antes construir
a ala esquerda da tua morada, o lado dos instintos.

canto dos lodos

577 Na manhã do décimo-sétimo dia

da brotação de tuas penas

se o fervor arde ao pé da esperança e o desejo

quieto e faminto espera como fera enjaulada, quem

te proibirá de ver, sentir, fazer – além das grades –

o mundo que podes ver e sentir e fazer, se é a alegria

583 que te arrasta na mesma chama em que lavras a manhã?

Se procuras o outro em ti, não encontrarás ninguém,

baterás à porta de uma casa vazia – é fora de ti,

no mundo, que todos se movem e dançam, estendem

/pontes e,

entre sete brindes de fervor as promessas se cumprem

mesmo antes de anunciadas, e as almas se afagam dentro

/dos abraços.

- 589 Na tarde do décimo-sétimo dia
da brotação de tuas penas
se acaso perderes de ti os caminhos, errante e erma
na dissipação dos tempos, refaz as pegadas ainda frescas
da infância. É nessa peregrinação reversa, buscando
a ti mesma, que encontrarás o sol das primeiras manhãs.
- 595 Ali, os horizontes dançam ao pé das fanfarras, sorriem,
de tão próximos podes tocá-los, pular sobre seus ombros
para o outro lado dos sonhos e ver a face dos princípios.
O que não se cria na infância ou respira na argila a saltar
das formas como quem se excita pelo desejo de suas fomes
na mesma sede peregrina, não está no mundo nem nunca se
/perde.

601 na noite do décimo-sétimo dia
da brotação de tuas penas
secarás as lágrimas que pesam, pesam encharcando
as penas se voares contra o vento de quem busca,
como as águias, na agonia, os caminhos mais altos.
Aprenderás a saltar dos abismos, e na queda cairás
/dentro de ti.

607 Sem as cargas do corpo, voando como os pássaros,
precisarás viver no sustento dos ventos. Se poupare
nos charcos desabarás sob o peso do crânio, das vísceras.
Ali, criarás limo. Desde o humano, indesejados,
caminhamos e rastejamos, os pés de chumbo, o sonho
a plantar raízes: do que sobrevive perecemos do lodo
/de que somos feitos.

canto das parições

613 Na manhã do décimo-oitavo dia
da brotação de tuas penas
perceberás que **a verdade é doce e amarga.**
Quando é doce, perdoa; quando é amarga,
cura. Para colher os frutos, não dobrarás
a verdade como os ventos açoitam a árvore,
/até romper-se.

619 De tudo colherás a cor das alusões, cavando nas fontes.
De suas peles cansadas, no cinzel, removerás a fuligem
da História. Do centro irradiante, sob as camadas,
libertarás a essência, os sentidos vários de uma vida.
Como armas de batalha levarás das jazidas, o gume,
a palavra vertical, o ofício de um sol que fala pelo
/fervor.

- 625 Na tarde do décimo-oitavo dia
da brotação de tuas penas
se a palavra não gritasse a dor que se padece,
não exaltasse as promessas que saltam do nunca-resignável
das coisas, quem saberia de ti nesse mundo, os olvidos?
Senão a palavra, e seu rubor, quem tomaria de assalto
- 631 essa vida tão comedida? Quem suscitaria, dos sonhos,
os brios de sangue, a força do espírito erguendo os
/punhos,
os ventos medianeiros, as graças, este mudar-se por
/noites
e dias, este semear-se e colher antes que o sol decline
no arдил das horas? Sobre os relógios do corpo saberás
que é chegado o tempo eriçado, o tempo de iniciar-te,
/nas parições.

637 Na noite do décimo-oitavo dia
da brotação de tuas penas,
sem princípio ou fim, não conhecerás os caminhos do meio,
mas este acuado comover-se nos intervalos sobre o nada,
sob os sonhos, o arrastar-se dentro de ti, entre paredes –
assim, nem a morte há de vencer-te, nem as sete pragas dos
/sete anjos-

643 pois, no instante mesmo em que inspiras o ar
e exalas, já deixaste marcas, pegadas, rastros,
e teus motores reacendidos ordenam que conduzas
o fogo em círculos de alegria. Tua própria flecha
já corta o espaço, lançada, rente, como quem parte
sem os desvios dolentes do sangue, certa, e mais
/acelera, até ferir-se a alma.

canto dos invernos idos

649 Na manhã do décimo-nono dia

da brotação de tuas penas

se não colheres as estrelas cadentes que ainda faíscam

sobre as varandas da memória, os bens de sonho havidos

desde a infância, os júbilos esperados, os instintos

pássaros peregrinos, testemunharás o pior dos males:

655 a agonia última da palavra. Dos invernos idos, cavarás

até a raiz os princípios replantados. Se aprenderes

os vaticínios do fim, não humilharás os dias nem servirás

à Arte, esse sopro de asas a pairar das nuvens sobre

o desespero humano para que nenhuma dor te perturbe.

Apesar de tantas mãos suplicantes, a palavra só é veemente

/no desprezo.

661 Na tarde do décimo-nono dia
da brotação de tuas penas,
de muito agonizar nesse abismo de dúvidas, não
conhecerás a permanência do instante, mas o perecível,
o gozo humano de sangrar, enquanto podes ainda andar
/com tua vontade,
para além das forças, nas soleiras dos paraísos possíveis,
/diante dos leões do orgulho.

667 Não irás julgar-te por tuas próprias palavras,
ou pela opinião dos outros, mas por tuas mãos,
mãos que fazem e desfazem, afagam e agridem.
Se queres alcançar a palavra,
/os feitos,
o salto sobre a indiferença toldando a dor, terás
que desviar-te das balas, dos punhais, enquanto regas
/uma rosa nos interregnos.

673 na noite do décimo-nono dia

da brotação de tuas penas

para não tombares de tédio ou fome, às vezes é preciso

subir aos altos cumes da prudência, e esbofeteá-la.

O mal inocente porque não conhece a face mais insolente

do bem: nos habituamos, não quebramos a hora insípida

/do mal que nos submete.

679 Há palavras que semeiam, colhem, nos devoram.
Outras, nos pressentem por um breve instante
de alegria ou dor, depois nos excluem pela discórdia
ou pela paixão. A palavra é o homem e seu exílio:
que se indignem de nós, poetas, por tais provações!
Há palavras que semeiam, colhem e nos libertam.

canto das indigências e ufanias

685 Na manhã do vigésimo dia

da brotação de tuas penas

exercitarás o espírito caminhando, de manhã,

pelas ruas da alma; à tarde nadando

nos açudes do coração; à noite, embriagarás

o sonho. Com as carnes por fora vendidas

691 a peso nos açougues, aprenderás que a ganância

é a morte da alma. Com as provisões para o inverno,

por tuas mãos o necessitado acolherá o aflito,

e os bens acumulados se revelarão aos humildes,

impacientes de espírito. Cultivarás as pupas

/da esperança,

e das crisálidas alas futuras irromperão, orvalhadas

/pela manhã.

697 na tarde do vigésimo dia

da brotação de tuas penas

o que está na boca de Deus, pela palavra,

entre vermes e anjos, da indigência às ufanias,

/pode mover

por graça de tuas mãos, para diante, os moinhos, as

/rodas do mundo.

A perseverança deixa rastros: carne e alma confundidas,

/teus pedaços fumegantes.

703 E quanto ao que não podes fazer, as eclosões da sorte,

grava na pedra, que os outros, os sobreviventes, os herdeiros,

farão por ti. E a hora de partir chegará quando o sangue

emudecer as palavras como um sonho que tomba de ti, quando

as serpentes do nada... de repente. Ordenarás à alma,

/aos anjos

da natureza, calcando as patas sobre o desejo ainda vivo,

/que cumpram os prazos.

709 Na noite do vigésimo dia
da brotação de tuas penas,
quando o mal vai sendo sujeito de si mesmo, e o homem
objeto de outro homem, anunciando a aurora dos assassinos,
não poderás tecer do tempo o linho, as lãs, os alvos fios
no fuso das rocas. E do pão e do vinho, não poderás brindar
/com a púrpura palavra.

715 Ao fim dos prazos, na comparsaria dos mesmos sonhos,
o que é humano aprenderá a resistir na agonia, e os

/horizontes,

como o lobo e o cordeiro, virão confiantes beber da

/mesma água,

da mesma graça. Passando de mão em mão a senha,

e de tanto sangrar na carne da terra a semente viridante,

é que aprenderemos a subir pelas andas de esperança,

/ombro a ombro.

canto da casa reencontrada

721 Na manhã do vigésimo-primeiro dia
da brotação de tuas penas,
senão por detrás dos muros da palavra, sob
que outras máscaras escondemos os afazeres do eterno
dentro do efêmero sonoro das horas? Tempo virá
em que o rosto humano irrompendo de sua razão, entre
/perfume e chuvas,

727 refulgirá, pleno e humilde, não mais das cavas de
/seus espelhos,
mas na seara comum onde os desígnios se repartem
e os sonhos se organizam nas tulhas da aurora,
à sombra de Deus. E o sangue espiritual do mundo
recomeçará a circular nos batimentos ritmados em
que te pões a dançar. No comércio do tempo, é o fervor
/que te sobrevive.

733 Na tarde do vigésimo-primeiro dia
da brotação de tua penas
quando muitos desertam no limiar das possibilidades,
cabará a ti, enquanto a lua purgar a noite
e o sol germinar o dia, continuar o manto tecido
dos sentidos, ponto a ponto, na rotação dos fusos,

739 até alegrar-se a esperança como o dia de amanhã.

E o vestido que teces há de acolher as horas,
cortejando-as de pedras e palavras lapidadas,

/rebanho

de perguntas em marcha. Senão o sonho, argila

/e sangue

que podes compor com outras mãos, muitas mãos
solidárias, o que mais podes alicerçar na rocha?

745 na noite do vigésimo-primeiro dia
da brotação de tuas penas,
quem vai mais longe, de uma palavra a outra,
e de mais longe busca os princípios de tudo,
busca a água, os alívios, senão o poeta, cego
de nascença, com os cabelos em chamas?

751 A casa que buscas é a mesma casa que abandonas,
estando nela. E o sonho que não se evapora do suor
das mãos, de tantas mãos esquivas, e paira

/como nuvem

sobre a comunidade dos pães, é um sonho que acordou
para dentro. não aprendeu a andar, erguer os punhos.

E é do fervor que a graça se revela, mas só a palavra

/permanece, a memória do mal.

canto dos abraços

757 Na manhã do vigésimo-segundo dia

da brotação de tuas penas,

se queres estar contigo, toma assento, eis aqui o fogo

e a água, o vinho nas taças, a senha das conjuras.

Se não podes alimentar pelas bocas da alma, com espírito,

o que te falta, não saciarás o corpo e sua fome, a boca

/dos instintos.

763 Se perderes o espírito, não perderás a alma, mas a chama –

contra a culpa dos homens – que alimenta os desejos.

A melancolia é o fervor caído. O que apalpas na escuridão

é o tédio dos ossos, futuro pó arável do mal herdado

e transmitido – e o semeias por onde pisas.

Fazei, Senhor, que tudo o que é preciso fazer

/me entusiasme.

765: A. Gide

768: P. Valéry

769 na tarde do vigésimo-segundo dia

da brotação de tuas penas

e no limiar das pequenas revoluções que se levantam

do cotidiano, recriar-te, mudando os hábitos, será

/a mais alta devoção.

Ser de sonhos e fratrimônios, não te habituarás à sucessão

de sangue e desprezo e dor, nem poderás calar os disparos

/da manhã.

775 Trilhando os caminhos do meio, até onde os extremos

se abraçam, com guindastes erguerás de sob o corpo

a desmedida, o fervor, a invenção da manhã e seu cortejo

de merecimentos. assim começarás a ver, de tudo o que

/olhas,

a vida por todos os lados, e dentro dela a flor

dos augúrios abrir-se em espasmos, saltando

/de nossas chagas.

781 Na noite do vigésimo-segundo dia
da brotação de tuas penas,
se acorrentares o desejo, não poderás prever a fúria
de seu revide. Pisando os jardins com botas de vândalo,
sua ira calará os sonhos mais servis, pois nenhuma vida
está feita, ela apenas nasce e espera dos rastilhos a fagulha.

787 Porque respiras, e o sangue pulsa, não existe
álibi que inocente dos crimes contra o homem.
Se a omissão gera dos assassínios o mais hediondo,
o testemunho cotidiano não os absolve. Abre a boca,
quando o destino jogar uma tâmara, e planta sementes
com as mãos coletivas. Do que o dia permite, só resta o abraço.

valere aude

